



**Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, antes da cerimônia de assinatura de atos**

**Acra-Gana, 19 de abril de 2008**

**Presidente:** Deixem-me dizer uma coisa para vocês: desde que nós tomamos posse, em 2003, que toda vez que tem uma reunião do Copom há uma tensão pré-Copom. Isso já faz seis anos. O dado concreto é que as coisas no Brasil têm andando bem, têm melhorado. Obviamente o Banco Central tem uma visão que muitas vezes não combina com a visão de setores da produção, que muitas vezes não combina com outros analistas econômicos. É sempre uma divergência.

Eu parto do pressuposto de que cada um de nós tem uma função, no Brasil. Ou seja, se o Banco Central entendeu que nesse momento era preciso elevar a taxa de juros para evitar que a inflação se assanhasse, ele tomou essa decisão. Vamos aguardar para ver o resultado.

Obviamente que isso vai ser uma polêmica. Daqui a 40 dias vai ter outra polêmica, depois vai ter outra polêmica. E nós não poderemos ficar nervosos com isso, porque o dado concreto é que o crescimento de 2008 está garantido, as empresas estão investindo. E as empresas que hoje têm no seu investimento um consumo muito forte, a partir do ano que vem elas vão começar a produzir, então aí começam a surtir os efeitos que nós precisamos.

Vocês estão lembrados que eu tenho dito o seguinte: o Brasil precisa ter sempre em conta que nós temos que ter um equilíbrio correto entre a vontade que o povo tem de comprar e a capacidade que a gente tem de produzir. Se nós permitirmos que haja um desequilíbrio muito grande, ou seja, se tiver mais demanda e menos oferta, nós criaremos um problema de inflação. Se tiver mais oferta e menos demanda, nós quebraremos as empresas.

Então, como nós queremos encontrar um denominador comum, eu acho



que as coisas estão bem. Não há nenhuma razão para alguém ficar mais nervoso ou menos nervoso, porque a economia do Brasil está bem. Certamente, qualquer dirigente político americano teria muito mais a reclamar da sorte do que nós.

Nós estamos convencidos de que o Brasil entrou, definitivamente, num ciclo de crescimento, a situação está colocada, está dada, a quantidade de investimentos já está acontecendo, o povo está aprendendo a consumir. E obviamente que cabe ao governo manter sempre esse equilíbrio. Nós queremos que o povo consuma, nós queremos que as empresas produzam, e essas duas coisas combinadas permitem o crescimento da economia brasileira.

**Jornalista:** A tendência é continuar crescendo, Presidente?

**Presidente:** A tendência é continuar crescendo.

**Jornalista:** Os juros.

**Presidente:** Não, os juros não, a economia. A tendência é continuar crescendo a economia brasileira. Eu estou convencido disso.

Vocês sabem que eu tenho andando muito o País, tenho andando demais o País. E seja conversando com o trabalhador, seja conversando com o empresário, seja conversando com o agricultor, as pessoas estão felizes com o momento que o Brasil está vivendo.

Ora, se há uma auto-estima muito grande no Brasil, agora o mundo começa a reclamar do preço do alimento, então é uma coisa fantástica para o Brasil produzir alimento. Quando vocês eram crianças, certamente vocês ouviram do pai de vocês: “O Brasil é o celeiro do mundo. O Brasil será o celeiro do mundo”. Pois bem, agora é a oportunidade do Brasil virar o celeiro do mundo, porque ninguém tem a quantidade de terras agricultáveis que nós



temos, para poder plantar alimento para atender ao mundo.

**Jornalista:** Presidente, essa é uma crítica aos Estados Unidos, quando o senhor fala do mundo?

**Presidente:** Não. Veja, é apenas uma coisa que vale para o milho e vale para qualquer outro produto que sirva de ração animal. Nós não podemos e não devemos... obviamente que os Estados Unidos produzem o etanol daquilo que eles dispõem. Eu gostaria que eles não produzissem, que comprassem do Brasil, da cana-de-açúcar, mas eles não querem, querem produzir, é um problema deles.

Certamente que isso reflete no preço de um produto que é importante para a ração animal, que é o milho. Agora, respeitando a autonomia e a decisão de cada país, o que é recomendável é que a gente produza os biocombustíveis de produtos que não sejam alimento para a população. Esse é o ideal. Nós temos terra, temos tecnologia. E acho que o momento é importante.

Esse debate, eu acho maravilhoso. Acho maravilhoso porque nós vamos tentar acabar com o preconceito que se vende contra o Brasil...

**Jornalista:** (inaudível)

**Presidente:** Vamos acabar com isso, porque não vale mais preconceito, não vale mais tentar jogar a culpa em cima do Brasil, não vale mais absolutamente nada.

**Jornalista:** O senhor não vai aceitar?

**Presidente:** Não vou aceitar, não, é que o Brasil não pode aceitar. O Brasil tem



tecnologia, tem conhecimento, tem experiência, e nós queremos provar para eles. Ora, e nós não estamos pedindo para nenhum país desmontar a sua agricultura. Nós estamos pedindo para os países ricos fazerem parceria com os países pobres e produzirem o combustível limpo que eles precisam, que para os países pobres vai gerar emprego, vai gerar crescimento econômico nos países. É apenas isso, vamos dar no século XXI, aos países pobres, a chance que não foi dada no século XX.

É apenas o bom senso. Se nós quisermos paz, se nós não quisermos terrorismo, se nós não quisermos uma imigração descontrolada, nós temos que desenvolver os países pobres. E a agricultura é uma coisa extremamente importante.

**Jornalista:** O acordo do Brasil com a União Européia, para produzir aqui na África, está em vistas...

**Presidente:** Veja, eu tenho ponderado, já há dois anos, a todos os países europeus. O Brasil, inclusive, se dispõe a fazer parcerias com países europeus para produzir em terceiros países.

A mesma conversa eu tive com o Bush: até quando os Estados Unidos vão ficar vendo a América Central empobrecida, do lado dos Estados Unidos ricos? Não é muito melhor fazer parceria com os países da América Central, para produzir o etanol de que eles precisam? É apenas uma questão de bom senso.

Agora, se essas pessoas querem continuar subsidiando os seus produtos, sem permitir o acesso, aos seus mercados, dos produtos dos países pobres, nós vamos ter uma parte pobre e uma parte rica, como tivemos durante todo o século XX. Eu estou convencido de que o século XXI precisa ser diferente. E o Brasil não se negará a dar a sua contribuição.



**Jornalista:** Presidente, 3 a 0 na seleção de Gana.

**Presidente:** Veja, eu fiquei triste, porque eu estava falando tanto em solidariedade com o presidente Kufuor e, de repente, eu recebo a informação de que a seleção feminina do Brasil está ganhando da seleção de Gana de 3 a 0, agora. Ou seja, eu sou mais solidário a Gana do que o futebol brasileiro.

(\$31EGJLQ)